

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v18i35.22225>

MEMÓRIA E CONSCIÊNCIA: UM ENSINO DE HISTÓRIA
DESESTRUTURANTE COMO PROPOSTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

André de Jesus Lima

Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais (UFSB)

E-mail: andrelima_ajl@yahoo.com.br

Resenha do livro

GIL, Carmem Zeli de Vargas; PEREIRA, Nilton Mullet; SATURNINO, Edson Luiz; et all.

Questões desestruturantes no ensino de história. Porto Alegre: UFRGS, 2022.



O livro *"Questões desestruturantes no ensino de história"* publicado no ano de 2022 pela UFRGS propõe transformações no ensino de história através de uma chamada "desestruturação" do modelo hegemônico de ensino. Objetiva discutir e analisar múltiplas abordagens pedagógicas para o ensino de História, focando em propostas que rompam com o currículo tradicional de ensino lançando propostas que tornem o ensino de História mais inclusivo, crítico e sensível às realidades expressas nas formas sociais, étnicas e culturais do Brasil. Os autores Carmem Zeli de Vargas Gil, Caroline Pacievitch, Edison Luiz Saturnino, Fernando Seffner e Nilton Mullet Pereira exploram as complexidades e os desafios do ensino de História no contexto brasileiro, refletindo maneiras de abordar temas sensíveis e controversos de forma inclusiva e democrática.

Com 152 páginas, a obra está organizada em duas unidades e um texto de introdução intitulado "É sim relevante estudar história hoje!" que estabelece as bases teóricas que justificam a necessidade de um ensino de História inclusivo e crítico. Argumenta que o currículo tradicional muitas vezes não reflete as diferentes dimensões e complexidades da sociedade brasileira, sendo importante desestruturar as narrativas dominantes e integrar temas sensíveis no ensino de História, abordando as realidades sociais e culturais de maneira fiel e crítica.

A primeira unidade intitulada "Currículo Zé do Carço" está dividida em cinco textos que visam questionar e desestruturar as práticas tradicionais no ensino de História, propondo uma reavaliação dos currículos escolares. Zé do Carço é um personagem inspirado na canção homônima de Leci Brandão, e sua imagem representa indivíduos que foram historicamente silenciados pelas narrativas tradicionais, bem como a ideia de que o ensino de História deve ser um espaço de transformação social na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

O primeiro texto intitulado "Currículos para outras temporalidades" discute a criação de currículos que tenham o poder de romper com as narrativas históricas eurocêntricas tradicionais, reconhecendo a voz de diferentes personagens históricos e suas perspectivas, abrindo espaço para a escuta e o diálogo e acolhendo as complexidades da vida humana. O segundo texto "Currículos e questões desestruturantes" explora a importância de incluir no currículo escolar questões como pobreza, desigualdade, racismo, homofobia e sexismo, utilizando das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) para propor transformações para o currículo de História em situações de injustiças e desigualdades a esses grupos.

O terceiro texto intitulado “Currículos, liberdade de ensinar e de aprender” defende a importância de um currículo escolar que respeite os princípios constitucionais, enfatizando que as decisões pedagógicas devem ser tomadas respeitando-se a legislação vigente e os direitos à educação e à liberdade de expressão. O quarto texto “Currículos, práticas e culturas escolares” compreende que as práticas escolares variam com o tempo e o espaço, e trata a cultura escolar como um conjunto de normas influenciadas pela legislação e pelas culturas externas à escola. O quinto texto intitulado “Currículos, encontros e planejamento” trata da importância da interação, da troca de saberes, e da construção coletiva do conhecimento, destacando a necessidade de um plano dinâmico que integre aspectos cognitivos e temas sensíveis.

Na Unidade II intitulada “Planejamento Maria Farinha”, é pensado um planejamento de aulas voltado para a execução e atendimento aos princípios de uma educação atenta às dimensões da inclusão, da crítica e da transformação. Maria Farinha é um tipo de caranguejo, descrito como um exemplo de destreza no planejamento e execução de atividades transformadoras tanto do seu habitat quanto de si mesmo. Representa o cuidado com uma prática pedagógica sensível às necessidades dos estudantes e comprometimento com a construção de um ambiente de aprendizagem inclusivo e transformador. Esta unidade é composta por mais quatro textos que propõem o uso de fontes diversificadas e a incorporação de debates contemporâneos no currículo de História. Inicialmente, o primeiro texto da unidade II “Por que é relevante estudar História desde as categorias de gênero e sexualidade?” reconhece a importância em desconstruir narrativas tradicionais que marginalizam as experiências e identidades LGBTQIA+, propondo um ensino de História que integre tais perspectivas de maneira significativa e respeitosa.

No segundo texto da unidade “Porque é relevante estudar História desde a cultura visual?”, são abordados planejamentos de aulas de História que se utilizam de métodos para análise e interpretação de fontes visuais enquanto produtos culturais que refletem e moldam as visões de mundo. O texto seguinte “Porque é relevante estudar História com os patrimônios insurgentes?” questiona as narrativas históricas tradicionais e valoriza as histórias de resistência e subversão. Argumenta que o patrimônio historicamente preservado pode refletir uma visão eurocêntrica, masculina e elitista, sendo essencial repensar os currículos escolares para incluir perspectivas, relacionadas aos grupos historicamente marginalizados. Questiona o que foi esquecido ou silenciado na história oficial entendendo como isso molda a identidade cultural no presente. Por

fim, o último texto da Unidade II “Porque é relevante estudar o passado” pontua que o estudo do passado é importante no desenvolvimento de uma visão crítica dos eventos e processos históricos, permitindo a identificação das conexões e permanências dos fatos na história. O texto propõe que os estudantes sejam incentivados a refletir sobre o passado de forma criativa e crítica, construindo uma compreensão mais profunda da história e de suas conexões com o presente.

Enquanto considerações finais do livro, na seção “Abertura para outras histórias” os autores reforçam que a riqueza em se trabalhar com outras histórias não apenas enriquecem o entendimento sobre o passado, mas que atuam na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, fazendo do ensino de História uma ferramenta de empoderamento e resistência.

Analisando criticamente a obra, destaca-se seu ano de publicação, 2022, um ano marcado por profundas discussões sobre os rumos da educação no Brasil, tendo em vista o contexto de readaptação mundial após a pandemia da COVID-19. O ensino remoto e as desigualdades no acesso à educação tornaram-se tópicos centrais, intensificando a necessidade de revisões curriculares que considerem a realidade dos estudantes, refletindo um esforço acadêmico para abordar as demandas emergentes por uma educação mais inclusiva e crítica. Outro aspecto importante é que o livro apresenta uma crítica aprofundada ao caráter eurocêntrico presente nos currículos tradicionais de História. O uso dos personagens Zé do Carço e Maria Farinha como símbolos de resistência e criatividade pedagógica é um acerto, pois reforça a necessidade de uma educação que valorize a diversidade e promova a justiça social.

Outro ponto positivo é a boa fundamentação teórica do texto, que traz para o debate autores importantes da pedagogia crítica, estudos culturais, pós-colonialismo e outras áreas relevantes. Isso inclui a problematização de temas tradicionais e a introdução de novas abordagens pedagógicas, tornando a obra uma ferramenta útil tanto para a reflexão teórica quanto para a prática docente, levando professores a refletirem sobre sua própria prática e a buscar alternativas pedagógicas que estejam alinhadas com os princípios da justiça social e da inclusão.

No entanto, alguns aspectos poderiam ter sido melhor explorados. Em primeiro lugar, foi observado que a obra poderia ter se aprofundado mais nas intersecções entre um ensino de História desestruturante e as bases legais da educação no Brasil através de um diálogo mais amplo com a

BNCC e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Tais diretrizes são importantes para garantir a inclusão e a pluralidade no ensino de História, e a obra poderia ter se aprofundado nesses marcos legais. Também poderiam ter sido abordadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, sendo esta última uma outra esfera temática que necessitaria de uma maior abordagem no presente livro. Para uma implementação das propostas apresentadas em uma sala de aula, a transição da teoria para a prática nem sempre é clara, o que pode deixar educadores sem ferramentas específicas para aplicar as ideias no dia a dia escolar. As propostas apresentadas exigem mudanças significativas nas estruturas curriculares e nas práticas pedagógicas, o que pode gerar resistência tanto a nível institucional quanto cultural, e não há abordagem suficiente na obra sobre como lidar com tal resistência.

Outro aspecto observado diz respeito à capacitação docente para trabalhar o currículo proposto. Se não houver apoio e a formação adequados, as ideias podem permanecer teóricas, sem que sejam efetivamente incorporadas na realidade da prática pedagógica. Embora a obra tenha uma visão otimista e esperançosa do papel da educação na transformação social, ele pode não considerar a nível mais profundo as limitações reais que profissionais docentes enfrentam no cotidiano escolar.

Em síntese, a obra “Questões Desestruturantes no Ensino de História” reflete o momento histórico de sua publicação, em um contexto de crescentes demandas por uma educação mais inclusiva e plural. Desafia narrativas tradicionais e propõe um currículo que reconhece as contribuições de grupos marginalizados, promovendo um ensino de História que não apenas ensina fatos, mas capacita os estudantes a se tornarem agentes de transformação social. Com uma abordagem teórica sólida e propostas pedagógicas inovadoras, a obra oferece um caminho promissor para educadores que desejam transformar suas práticas e currículos, fazendo do ensino de História uma ferramenta de justiça e inclusão.